

---

## *(Des)ocupar é resistir?*

---

Wenceslao Machado de Oliveira Junior<sup>1</sup>

Antonio Carlos Dias Junior<sup>2</sup>

Alexandrina Monteiro<sup>3</sup>

Corria o mês de agosto de 2016 quando a revista ETD-Educação Temática Digital divulgou a chamada de artigos para o dossiê *(Des)ocupar é resistir?* agora publicado no primeiro número de 2017:

*Os temas dos textos, preferencialmente, devem traçar diálogos com as Políticas Educacionais e as Mobilizações Estudantis na contemporaneidade em especial os movimentos relacionados às ocupações das escolas públicas; as construções discursivas sobre políticas educacionais relacionadas às propostas de escolas sem partido, às questões de gênero, religião e laicidade no ensino público, bem como os sentidos e potencialidades que se desdobram dos verbos ocupar e resistir quando apropriados por esses movimentos em seus processos de aprendizagem e produções de subjetividades.*

O prazo para submissão era curto, final de novembro, mas para nossa feliz surpresa tivemos quarenta e sete artigos submetidos – tendo sido aprovados vinte deles para compor o dossiê –, cujos autores e coautores possuem vinculação com mais de cinquenta instituições educativas do Brasil. Estava clara a pertinência e urgência da pergunta por nós estabelecida.

---

<sup>1</sup> Professor da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Campinas, SP – Brasil - Editor científico – ETD-Educação Temática Digital. **Email:** [wenceslao.oliveira@gmail.com](mailto:wenceslao.oliveira@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Campinas, SP – Brasil - Editor científico – ETD-Educação Temática Digital. **Email:** [acdiasjr@gmail.com](mailto:acdiasjr@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Campinas, SP – Brasil - Editora científico – ETD-Educação Temática Digital. **Email:** [math\\_ale@uol.com.br](mailto:math_ale@uol.com.br)

A maior parte dos artigos focou as ocupações estudantis; de maneiras muito diversas, extraíram desses movimentos muitas surpresas, aprendizados e dúvidas. Mais: extraíram palavras e imagens dos jovens estudantes que sacudiram o país e agora atravessam muitos dos artigos aqui publicados. Mais ainda: extraíram de si mesmos, pesquisadores e professores, outras palavras e questões para pensar a Educação na contemporaneidade.

Para além das ocupações estudantis, alguns versaram sobre outros temas presentes na chamada de artigos, tais como o movimento escola sem partido, a política de reorganização escolar do governo de São Paulo, as múltiplas dimensões da sexualidade e o ciberespaço nos novos movimentos políticos.

No entanto, cabe ressaltar que não houve sequer um único artigo submetido que versasse sobre temas atinentes à religião e à laicidade no ensino público, bem como nenhum focado na desocupação como resistência, ainda que alguns artigos tenham apontado a existência de movimentos com esse viés, inclusive entre os jovens. Trazemos essas ausências a esse editorial para que os leitores se perguntem, como nós o fizemos, sobre os porquês delas terem ocorrido e se engajem em escritas e reflexões acerca dessas questões.

Se nenhum artigo defendeu a desocupação como resistência, muitos argumentaram a respeito das várias formas de resistir implicadas ou inventadas nas ocupações, fazendo oscilar os sentidos e potencialidades dos verbos ocupar e resistir no contexto educacional brasileiro.

Na organização dos dois números que compõem o dossiê *(Des)ocupar é resistir?* – publicados no número 1 do volume 19 e no número especial lançado simultaneamente –, esses sentidos oscilantes permeiam tanto os muitos contextos empíricos onde se deram as ocupações, quanto os variados conceitos e teorias acionados para entendê-los, potencializá-los e/ou relacioná-los a outros movimentos e questões que configuram a educação atual do país.

Os oito artigos publicados no número 1 do volume 19 realizam uma espécie de percurso pelos diversos contextos estaduais onde escolas foram ocupadas. Dois artigos focam o contexto paulista, três o gaúcho, finalizando com três artigos focados, respectivamente, nos contextos mineiro, carioca e paranaense.

Os doze artigos publicados no número especial dividem-se em três blocos. No primeiro deles reunimos seis trabalhos que se aproximam da pergunta do dossiê de maneira mais teórica e conceitual, trazendo para o leitor análises focadas desde as epistemologias do sul até a psicanálise, passando pelas filosofias da diferença e teorias feministas. No segundo bloco, encontramos três contribuições focadas na política de reorganização escolar do governo de São Paulo; já no terceiro e último bloco o leitor terá acesso a três artigos que tomam o movimento escola sem partido como mote de seus dados e reflexões.

O número especial inicia-se com um texto, incluído a título de apresentação, escrito por um dos editores responsáveis pelo dossiê. Durante o tempo em que estivemos ocupados com e pelas ocupações, o editor em questão transformou em palavras um tanto literárias algumas de suas aflições e dúvidas, alguns de seus encantamentos e receios enquanto professor de um sistema educativo que vem sendo sacudido por movimentos e políticas tão intensos que fazem desses próximos anos um tempo aberto a mudanças e transformações que muitas vezes não somos capazes sequer de imaginar, quanto mais de incorporar com tranquilidade.